

A fronteira como lugar de utopia

* *Maria Antonieta da Costa Vieira*

I - A VIDA COMO ROMARIA E COMO MISSÃO

Foto: Antonieta C. Vieira

Justino na festa do Divino Pai Eterno



Dariamente, no final da tarde, os "Romeiros do Padre Cícero" se reúnem na pequena Igreja às margens do rio Fresco, para rezar o terço, cantar ladainhas e divindades. Em situações especiais "meu padrinho Cícero" vem conversar com seus devotos, usando para isto o corpo do mestre Justino. Nestas ocasiões, ele aconselha, exorta, dá ordens. Fala das dificuldades do caminho, anuncia mudanças de local para o grupo, reafirma a existência do "ponto final", lugar que está "preparando" para os romeiros.

A 70 km dali, na "Missão de Maria da Praia", as rezas não são tão freqüentes, mas em situações de festejo de Nossa Senhora da Abadia, de São João, ou ainda, de Nossa Senhora do Livramento, é possível encontrar um grupo de devotos de aproximadamente 70 pessoas, reunidos na Igreja construída por eles mesmos, numa reza peculiar. Por duas horas e meia, homens, mulheres e crianças, descalços e vestidos de roupa branca comprida, entoam cânticos e recitam orações.

Estas imagens, que podem remeter o leitor para um passado longínquo e extraordinário, referem-se a fatos cotidianos e atuais, ocorridos em comunidades religiosas de lavradores que vivem na Amazônia, no sul do Pará. Este mundo mágico, povoado de milagres, curas, santos e demônios, não se restringe a essas comunidades. Existem outras, como a Organização do Divino Pai Eterno

Foto: Antonieta C. Vieira

e os Romeiros do Padre Cícero do norte de Goiás. Existiram ainda, na década de 60, as Romarias de Santana, Zé Ribeira, de Eva. São grupos com os quais entrei em contato em função de uma pesquisa realizada na região. É possível que existam, ou tenha existido, outros semelhantes. Quando se considera os conhecidos e se procura aproximá-los, buscando extrair elementos comuns, eles parecem resistir. Exigem ser tratados na sua especificidade, frustrando intenções classificatórias que se limitem a querer enquadrá-los em categorias. Cada um tem uma história, uma dinâmica própria. A seguir, apresento dados sobre alguns deles.

Em 1964, em São Miguel do Araguaia, um pequeno povoado de Goiás, surge a Missão de Maria da Praia. A líder do grupo recebe uma mensagem dada por seus guias espirituais que ordenavam que ela se dirigisse para as "Bandeiras Verdes", para as matas. Juntamente com seus filhos e acompanhantes, ela deveria ir em direção a um lugar preparado para eles: "um lugar de sossego, longe da devassidão do mundo", que deveria acabar em catástrofe. O grupo de Maria da Praia percorreu quase 400 quilômetros, abrindo picadas na mata virgem por mais de 10 anos. Após a morte da líder, o grupo mudou-se mais uma vez e posteriormente retornou para o local onde ela estava enterrada, onde permanece até hoje.

A história da Organização do Divino Pai Eterno é diferente. O grupo surge num contexto urbano. Dona Ana, a líder do grupo, vivia em Goiânia em 1962, quando recebeu a mensagem espiritual de que deveria ir para o Pará, construir o "Paraíso do Divino". Realizando uma romaria que tinha como trajeto a rodovia Belém-Brasília, ela desvia-se num ponto para o oeste em direção ao sul do Pará, fixando-se a 10 km de Barreira de Campo, local confirmado pelo Divino. Neste local os devotos enfrentam uma luta acirrada em função de um conflito de terra, o que os caracteriza como posseiros, aproximando-os de um movimento mais geral na região, de luta pela terra.



Com relação à questão da terra, os Romeiros do Padre Cícero dirigidos por Justino têm um comportamento diferente. Quando foram pressionados por fazendeiros declararam que seu interesse "não era a terra e sim a missão". Na verdade eles não permanecem por muito tempo no mesmo local. Desde 1967, quando o mestre Justino recebeu do Padre Cícero a missão de dirigir seu povo até um "ponto final" preparado para eles, o grupo percorreu seis "estações", locais em que permanecem por quatro ou cinco anos. Atualmente eles se encontram dentro da reserva Kaiapó, desenvolvendo um relacionamento intenso com os índios Gorotire. Consideram, no entanto, que não chegaram ainda no local definitivo.

Estes três grupos surgiram na década de 60, num movimento de expansão da fronteira econômica para o oeste, que envolve o Mato Grosso, o norte de Goiás e o sul do Pará.

Foto: Antonieta C. Vieira



Mas há grupos que se formaram fora deste período. Os "Romeiros do Padre Cícero" que vivem próximos de Araguaína, norte de Goiás, por exemplo, surgiram em 1952, em Fíladelfia, na divisa do Maranhão com Goiás. Dona Antonia, que dirigia o grupo, recebeu do padrinho Cícero a incumbência de procurar na mata um morro que ficava na "direção do pôr-do-sol" e que tinha como sinal uma cruz de madeira plantada no alto. O morro foi encontrado, e até hoje, antigos romeiros vivem próximos a ele.

Não cabe estabelecer generalizações apressadas sobre estes grupos, no entanto, é possível - e a isso é que me proponho neste momento - refletir, mesmo que de uma forma inicial, sobre o significado de alguns elementos que parecem estar presentes em diferentes situações. Tratarei aqui, mais especificamente, de levantar algumas questões sobre a forma como estes grupos se relacionam com o espaço ao longo de sua história, ou em outros termos, sobre o lugar e significado da mobilidade espacial em sua vida.

II - A "ANDANÇA" COMO MODO DE VIDA

"Nós não mora, nós de-mora" (S. Urbano - Romeiro do P. Cícero)

Para todos os grupos com quem entrei em contato havia sempre um "lugar" para chegar. Nenhuma revelação espiritual - que é comum a todos - indicou ao líder que ele deveria permanecer no local em que estava. Alguns estabeleceram um ponto final para a viagem, como o caso da Organização do Divino Pai Eterno, outros continuam caminhando, como o grupo de Justino, mas em todos eles, buscar a "terra prometida" implica em mudança de vida que é vivida concretamente como uma vida de mundanças. É isso que parece querer me dizer S. Urbano, membro do grupo de Justino, quando procurava explicar porque dão o nome de "estação" aos locais por onde permanecem por 4 ou 5 anos. "Nós estamos numa viagem", dizia ele.

Entre os diferentes grupos, o de Justino parece ser o que vive esta

"provisoriedade" de maneira mais acentuada. Quando mudam para um novo local devem levar apenas os pertences pessoais, semente e mudas para fazer roça na próxima "estação". Árvores frutíferas, construções, áreas derrubadas devem ser deixadas para "os que vierem atrás". Tudo aquilo que deixarem será devolvido em dobro por "meu padrinho" no ponto final.

O modo de organização do grupo está marcado por inúmeros sinais que expressam esta "vida de viagem". A Igreja, por exemplo - sempre presente no centro da povoação - quando voltada para o poente indica que se seguirá viagem rapidamente, ao contrário, voltada para o nascente, indica que se permanecerá mais tempo no local à espera de novos romeiros.

No entanto, uma "vida de mudanças" não é característica exclusiva destas comunidades religiosas. Na região estudada, a população é formada basicamente por migrantes de várias origens. Grande parte deles são lavradores, mas trazem em suas histórias de vida marcas de processos sociais e históricos diferenciados. Os "romeiros" dos vários grupos possuem uma origem comum: são basicamente maranhenses, goianos do norte e piauienses, fazendo parte, portanto, do campesinato que se forma na Amazônia Oriental. É necessário aprofundar a pesquisa sobre a história deste campesinato, no entanto, algumas idéias sobre a sua especificidade podem ser levantadas, pelo menos como hipóteses de trabalho.

Para tratar da relação estabelecida com a terra é preciso dizer, em primeiro lugar, que, no processo de constituição deste campesinato, as terras devolutas se apresentavam como marco fundamental. As dificuldades existentes para a apropriação da terra eram principalmente as colocadas pela natureza virgem. Nas suas histórias os moradores antigos relatam sempre as dificuldades que tiveram para "amansar o lugar". O acesso à terra se regulava por regras

estabelecidas a partir de relações existentes no interior dos grupos camponeses compostos por famílias, na maioria das vezes interligadas por laços de parentesco. A forma de cultivo, baseada no método da queimada e do descanso do terreno, supunha a utilização de novas terras, fazendo com que os lavradores se deslocassem para outra área procurando, como dizem, "matérias prá trabalhar".

Para determinados grupos camponeses de outras regiões, a ligação com a terra parece se dar através de um local específico onde se constrói o patrimônio da família. Neste caso, possuir uma terra e fixar-se pode significar a conquista da autonomia. A perspectiva deste campesinato da Amazônia Oriental parece ser bem diferente. Os lavradores parecem conceber a terra como um recurso aberto, de livre acesso, de certa forma inesgotável - um "bem de Deus", como dizem. De outro lado, parecem associar a idéia de liberdade à possibilidade de deslocar-se, afastar-se daquilo que oprime, procurando um lugar melhor, que pode estar sempre mais adiante. Mudar-se, para "caçar melhora", como dizem, pode ser a solução encontrada para resolver problemas de diversas ordens: conflitos com parentes e vizinhos no local de moradia, dificuldades relacionadas à produção e qualidade da terra, doenças e mortes de pessoas da família. Isso não significa que o deslocamento seja uma solução cômoda, e não impede que os lavradores, muitas vezes, resistam num lugar, apesar de pressionados por privações e mesmo por ameaças de expulsão, haja vista a tradição de luta pela terra na região. A maior ou menor mobilidade espacial depende de inúmeros fatores que precisam ser melhor estudados. No entanto a experiência histórica deste campesinato de uma vida de "provisoriedade" parece estar acompanhada de uma disponibilidade para migrar, para des-prender-se. O deslocamento espacial parece se constituir numa estratégia privilegiada que procura garantir ao mesmo tempo a sobrevivência e a liberdade.

III - RUMO AO PÔR-DO-SOL - A VIDA COMO ROMARIA

As comunidades religiosas referidas possuem uma tradição ligada ao campesinato que se procurou descrever acima. No entanto nestes grupos, o cotidiano, a história e os projetos são re-significados a partir de um referencial simbólico religioso que tem como base o catolicismo, popular. O que é "andança" se transforma em romaria, o que é deslocamento se transforma em despojamento, o que é migração se torna missão.

Especialmente nos grupos de Maria da Praia e de Justino há toda uma simbologia construída em torno do caminho percorrido. A "estrada", por exemplo, possui vários significados.

Em primeiro lugar a estrada é **sagrada**. Sua construção, que se faz através de picadas na mata virgem, é cercada de uma série de rituais e obedece a uma direção espiritual que indica aos devotos onde devem cortar, onde parar e qual a direção a seguir. Maria da Praia, que recebia indicação da direção de seus guias, dizia que estava apenas "reavivando as picadas de Jesus quando andou na terra". No grupo de Justino, alguns abridores de estrada dizem que chegam a enxergar a estrada do Padre Cícero "limpinha dentro da mata". Não se trata portanto de uma estrada qualquer. Imbuídos de uma missão, os romeiros carregam em si a convicção de que são os realizadores da Vontade Divina que inscreve através deles na terra um percurso já traçado no céu.

Em segundo lugar, a estrada é **caminho**. Não só no sentido de interligar os locais por onde os grupos passam. Ela é também processo interior e espiritual - é **caminho de salvação**. Um caminho que se faz no sofrimento, através do que se toma possível "descontar pecado", tornar-se leve, "maneiro". O despojamento é a diretriz para as mudanças de lugar e de vida. Ao invés de construir, acumular, os devotos devem se des-prender, se libertar. Devem sacri-

ficar o corpo e abandonar os bens materiais para ganhar mais adiante o reino espiritual onde reside a verdadeira riqueza.

Neste processo, que se constrói concretamente na estrada e na alma, há um outro sentido para o caminho: a estrada é **romaria**, é peregrinação. Quando os romeiros mudam, eles estão "indo para", "em direção a": ao "ponto final", a um "lugar de sossego e fartura". A vida é representada então como um processo, um "estar se fazendo". Neste contexto a história particular dos grupos, os lugares percorridos, as dificuldades enfrentadas, as ações, ganham sentido como momentos necessários para a realização de um fim, localizado espiritual e espacialmente.

É preciso dizer que, para todas estas comunidades religiosas, a história é interpretada a partir de uma visão apocalíptica, que tem como parâmetro o tempo bíblico e onde a modernidade está definitivamente condenada. Em todas elas, os romeiros estão vivendo "o fim das eras" e é desta perspectiva que procuram construir uma nova história, longe da "devassidão do mundo", nas matas virgens, nas "Bandeiras Verdes", como dizem, no mundo da natureza, poderíamos dizer.

A referência às "Bandeiras Verdes" não é específica destas comunidades religiosas (1). Muitos dos lavradores que se deslocaram para as regiões de fronteira a partir da década de 50 - dos estados do Piauí e Maranhão para o norte de Goiás de Pará - dizem ter migrado inspirados no que o Padre Cícero ou, para outros, no que os "antigos" teriam dito: "para o final das eras, feliz daquele que procurasse as Bandeiras Verdes e as montanhas". E elas ficam para o oeste. Nos grupos de romeiros os guias espirituais sempre apontaram o "lado do pôr-do-sol" como direção a seguir.

As regiões consideradas como fronteira aparecem neste contexto como lugar propício à formulação de utopias. Elas marcam o limite entre o conhecido e o desconhecido, e podem ser o lugar do novo, do sonho.

Foto: Antonieta C. Vieira



Romeiros do Padre Cícero

Para lá se dirigem os lavradores à procura de melhores condições de vida. A isso vão também os romeiros. Mas neste caso, amparados por suas crenças, eles procuram juntos realizar a construção de um outro mundo. Para além da fronteira vão cumprir as ordens de uma Missão, buscando assim realizar seu sonho de liberdade.

Notas

(1) José de Souza Martins foi o primeiro estudioso a falar sobre "Bandeira Verde" em seu livro **Expropriação e Violência**, São Paulo, Hucitec, 1980. Também fazem referência à "Bandeira Verde", d. Pedro Casaldáliga em seu livro **Creio na Justiça e na Esperança**, Rio, Civil. Bras., 1978, e Regina Sader, em sua tese de doutoramento **Espaço e Luta no Bico do Papagaio**, 1986, USP, mimeo.

Saber é Poder
você também tem direito à informação
assine



BOLETIM SEMANAL

A Agência Ecumênica de Notícias (AGEN) é uma entidade alternativa a serviço dos movimentos sociais populares do Brasil e da América Latina.
Assine o boletim semanal da AGEN

Informações:
Av. Ipiranga 1262
14º andar - CEP 01039
São Paulo - SP
Telefone: (011) 226-0234
Telex: 1125524 - AGEN - BR



CAMINHANDO COM OS MOVIMENTOS SOCIAIS E POPULARES DO BRASIL E DA AMÉRICA LATINA

